História, memória e biografia: entre a anedota e a interpretação

History, memory and biography: between anecdote and interpretation http://dx.doi.org/10.5007/2178-4582.2014v48n2p376

Diogo da Silva Roiz

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Amambai/MS, Brasil

Resenha de:

ELLIS, M. Alfredo Ellis Júnior (1896-1974). São Paulo: Editora Bentivegna, 1997, 135p.

O estudo de Myriam Ellis¹ pretende oferecer um painel sobre a vida e a obra de seu pai, Alfredo Ellis Júnior (1896-1974)². Mais sobre a obra e, em especial, aquela produzida no período de 1922 a 1937. Todavia, para ela, a obra só ganha significado na medida em que se compreende a vida de seu autor, suas escolhas e suas atitudes.

Nesse aspecto, procura problematizar de que maneira o contexto oferece um significado para a vida; e a vida, por sua vez, forneceria um sentido para a obra. Com isso, além de circunstanciar como seu pai produziu um 'discurso

¹ Fez os cursos de graduação e de pós-graduação, em nível de doutorado, na área de História na Universidade de São Paulo, sob a orientação do pai, ao qual veio a substituir interinamente a partir de 1952, na cadeira de História da Civilização Brasileira. Estudiosa do período colonial, contribuiu tanto para o conhecimento da pesca de baleias na costa litorânea da América Portuguesa, quanto para o abastecimento e tributação do sal. Além disso, estudou, como o pai, a capitania de São Paulo.

² Para os objetivos deste trabalho, não há como abordar pormenorizadamente a trajetória de Alfredo Ellis Jr. Mas, de forma muito resumida, ele viveu entre 1896 e 1974, sendo o último dos dez filhos de Alfredo Ellis (1850-1925), médico, cafeicultor, deputado federal e senador durante a Primeira República. Cresceu na 'tradicional' fazenda cafeeira 'Santa Eudóxia' - que faliria em 1918, e seria vendida no início de 1919. Viveu sempre em São Paulo, com exceção de uma viagem feita durante a infância, e na companhia de seu pai, pela Europa. Estudou no estado e formou-se em direito pela Faculdade do Largo São Francisco (que nos anos de 1930 foi agrupada à Universidade de São Paulo, na qual seria professor, a partir do final daquela década), mas exerceu por pouco tempo o oficio da advocacia (em especial, após a venda da fazenda, em que havia passado sua infância). Dedicou-se mais ao oficio de professor de história, em escolas de São Paulo. Entre 1925 e 1930, foi deputado estadual por São Paulo, em duas legislaturas, a última das quais interrompida pelo início do governo provisório de Getúlio Vargas. Foi em meio a essas circunstâncias que ele participou das revoltas de 1932 contra a federacão, como voluntário da Liga de Defesa Paulistana, que defendia a liberdade e a volta da autonomia para o estado de São Paulo. Ferido fisicamente e abalado psicologicamente com a derrota da Liga no setor de Cunha, Ellis Jr. ainda enfrentaria forte perseguição política após os desdobramentos daqueles eventos. Após a Revolução, e em meio à luta para não ser exilado, retorna ao magistério, lecionando no período diurno, no Liceu Pan-Americano e no Ginásio Paulistano, além de escrever vários livros didáticos. Em 1934 é eleito novamente para a Assembléia Legislativa de São Paulo, como deputado estadual pelo PRP, onde permanecerá até 1937, ano do golpe do Estado Novo. Em 1938, é indicado como interino da cadeira de História da Civilização Brasileira, no lugar de seu antigo mestre Afonso de Taunay. Em 1939, torna-se catedrático e lá permanecerá até 1952, quando se afasta por motivos de saúde precária.

sobre si', a partir de seus discursos parlamentares e de suas memórias, a autora também nos forneceria outro para deixar à posteridade e tirar do esquecimento tanto a vida quanto a obra de Alfredo Ellis Júnior. O estudo é, pois, o cumprimento de "uma missão e um dever", desempenhado "com lealdade e devoção". Não por acaso, o livro, organizado a partir de conferências, guardaria os traços de um discurso oral, sem o recurso a notas, discussões historiográficas e a referências bibliográficas. Além do mais, por terem sido apresentadas na Academia Paulista de Letras, e não na Universidade de São Paulo, onde seu pai foi professor por quase quinze anos (assim como ela), fica sugerida certa insatisfação da autora sobre a maneira como a memória e a obra de seu pai foram preservadas naquela instituição – que passou a valorizar mais as contribuições de Sérgio Buarque de Holanda, que ocuparia a cadeira, a partir de 1956. Em função das consequências do regime militar, iniciado em 1964, e dos tipos de perseguição gerados na Universidade - acarretando até aposentadorias compulsórias, inclusive a de Sérgio Buarque de Holanda que a solicitou como um gesto de solidariedade aos amigos perseguidos-, os possíveis méritos da obra de Alfredo Ellis Júnior teriam sido ainda mais restringidos, por ele ter pertencido a um partido de direita, visto como conservador, como foi o Partido Republicano Paulista (PRP). Além disso, durante as comemorações dos 50 e dos 60 anos de fundação da Universidade, entre 1984 e 1994, apenas seriam lembrados os professores franceses, como fundadores da moderna pesquisa histórica nos anos de 1930, e a contribuição de Sérgio Buarque de Holanda para a renovação da cadeira de História do Brasil, a partir dos anos de 1950. Em todas essas circunstâncias, Ellis Júnior seria visto como conservador, desatualizado, positivista, retrógrado. Em razão disto é que talvez se explique porque a autora dá maior importância ao período de 1922 a 1937 para a formação do historiador e o planejamento de sua obra; ao de 1896 a 1937 como o momento de formação do cidadão, do político e militar, e também do advogado que foi Ellis Júnior, seguindo aos passos e as orientações do, pai Alfredo Ellis. O momento seguinte, de 1938 a 1974, quando esteve na universidade e publicou a maior parte de sua obra, é quase que silenciado pela autora, como período de menor importância para a trajetória do pai, quanto para a produção de sua obra³.

Como dito acima, o livro é composto por três conferências apresentadas na Academia Paulista de Letras – para a qual seu pai foi eleito em 1929, ocupando a cadeira de número 18, e que serviram para homenagear o centenário de seu nascimento –, nas quais a autora busca pensar "À margem do centenário de Alfredo Ellis Júnior", proferida em 11 de maio de 1995; "Homenagem a

³ Apesar de ter sido publicada nos final dos anos de 1990, continua sendo o único esboço biográfico sobre o autor até aqui impresso. Também por esse motivo se justifica uma rediscussão da obra que, aliás, passou praticamente despercebida pela crítica quando foi publicada; mesmo considerando a tiragem baixa de 500 exemplares, por uma editora pouco conhecida, não se justifica uma recepção tão ínfima.

Alfredo Ellis Júnior no centenário do seu nascimento", apresentada em 13 de junho de 1996; e "Cunha, 1932. Reminiscências de um voluntário da Liga de Defesa Paulista", ocorrida em 10 de julho de 1997. A primeira busca sintetizar os momentos decisivos da produção de sua obra, dividida em três grandes períodos: a) de 1922 a 1930, na qual houve a publicação de seus primeiros textos, a formação do gosto pelos estudos históricos como autodidata, e a definição de temas como o bandeirantismo, as bandeiras e a história de São Paulo; b) um segundo, de 1930 a 1937, em que aproveitou sua experiência política e militar para avaliar a conjuntura que se iniciara com os acontecimentos de 1929, 1930 e 1932; c) e de 1938 a 1974, quando se firmou como historiador e professor na cadeira de História da Civilização Brasileira na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, onde ficaria até 1952, afastando-se do magistério em função da saúde comprometida⁴. Em sua exposição, a autora dá maior ênfase ao primeiro momento, analisando suas obras: O bandeirismo paulista e o recuo do meridiano (de 1924); Raça de gigantes (de 1926); e Populações paulistas (produzida nos anos de 1920, mas publicada apenas em 1934). A segunda faz um esboço biográfico do autor, tendo em vista o papel do pai na formação de seu caráter, induzindo-o a fazer o curso de direito e seguir a carreira política⁵; seu ingresso no grupo verde-amarelo do jornal Correio Paulistano em 1926, então órgão oficial do estado de São Paulo e do Partido Republicano Paulista; sua participação nos conflitos de 1932 e o impacto que geraram em sua obra; bem como seu percurso como professor na universidade. Assim como na primeira conferência, nesta segunda a autora aborda com maior atenção o momento de 1896 a 1937, em função de ter sido aquele que deu um sentido à trajetória do autor, além de marcar um significado para sua obra, ao estudar a história de São Paulo, com vistas a restaurar seu passado 'glorioso' e sua autonomia perdida nos anos de 1930. A terceira conferência retoma os conflitos de 1932, e busca avaliar como foi construída a memória daqueles acontecimentos, com base nas memórias de seu pai e de outros participantes do conflito.

Nesse sentido, a obra tangencia entre o anedótico - quando a filha fala do pai com afeto e ternura - e o interpretativo, ao procurar pensar, como histo-

⁴ Sua obra é composta pelos estudos: O bandeirismo paulista e o recuo do meridiano (1924); Raça de Gigantes (1926); Confederação ou separação (1933); A nossa guerra. Estudo de synthese critica político-militar (1933); Populações paulistas (1934); Pedras lascadas (1935); A evolução da economia paulista e suas causas (1937); Meio século de bandeirantismo (1939); Panoramas históricos (1946); O café e a paulistânia (1951); A economia paulista no século XVIII. O ciclo do açúcar, o ciclo do muar (1952). Pelas biografias de: Amador Bueno, Raposo Tavares; Diogo Antônio Feijó e tenente-coronel Francisco da Cunha Bueno (seu avô) e do senador Alfredo Ellis (seu pai). E pelos romances: A madrugada paulista, lendas de Piratininga (1934); O tigre ruivo (1934); Jaraguá, romance de penetração bandeirante (1935); Amador Bueno, rei de São Paulo (s/d).

⁵ Como indicou na 68ª Sessão Ordinária de 4 de julho de 1935: "Não sou rico, nem recebi patrimônio material de meus antepassados. [...] Mas recebi, em compensação, um patrimônio moral que me dá suficientes forças e têmpera para lutar com energia contra quaisquer tempestades". Publicada nos Annaes da Assembléia Constituinte em 1935, v. II, p. 361.

riadora, a trajetória do pai, avaliando sua contribuição para a história do país. Esses dois momentos se complementam ao longo de todo texto, seja quando expressa o amor do pai pelo estado de São Paulo, amor que foi passado de pai para filha; ou quando o descreve fisicamente, com os olhos vívidos, o semblante sereno, o bigode e a barba imponentes; ou mesmo quando resume sua trajetória profissional, como bom aluno no ginásio e, depois, na Faculdade de Direito, como advogado competente e político sério, professor democrático, de mentalidade aberta às mudanças e sem dogmatismos. Essas características físicas e profissionais são convertidas, na análise da obra, como parte de suas qualidades, ao pensar o povo de São Paulo, ao avaliar os conflitos de 1932, e ao estudar o bandeirante e seu papel na formação do território nacional.

Desse modo, semelhante ao que fez Plutarco ao estudar a vida de homens ilustres da Grécia e de Roma, com o objetivo de comparar suas biografias e suas atitudes morais, Myriam Ellis procurou construir o perfil de seu pai de modo a ilustrar um 'grande homem', que viveu intensamente a sua época, identificando a importância da cafeicultura e da propriedade rural para o desenvolvimento do estado e do país, exercendo os ofícios de advogado, político, militar, historiador e professor, e fazendo uso dessas experiências para escrever a história de seu povo. Muito embora não seja uma hagiografia (que conta a vida de santos), há algumas de suas características, ao demarcar as atitudes do 'herói' (seu pai) ao participar dos conflitos de 1932, derramar seu 'sangue' por São Paulo, e a partir dessa experiência vir a fazer de sua obra um espaço para descrever a coragem dos combatentes que, como ele, enfrentaram o inimigo em desvantagem bélica e numérica, com vistas a tornar essa história um painel para que o povo de São Paulo não se esquecesse daqueles acontecimentos ilustres que indicavam como o estado de São Paulo foi traído pelo resto da nação. E seria justamente essa conjuntura política e econômica que daria sentido para suas ações, assim como um significado para sua obra.

Por essa razão, a autora tenta pensar o indivíduo em seu contexto, e a maneira pela qual ele procurou agir e mudar sua época, por meio de sua ação política e militar e de sua obra de historiador. Embora o anedótico não deixe de fazer parte da narrativa, a vida íntima de Alfredo Ellis Júnior dá lugar à sua ação no espaço público, compondo o perfil e as qualidades do indivíduo em questão. Em sua narrativa, a autora o vê como figura exemplar de sua época, por incorporar, ao mesmo tempo, tanto as qualidades de seus antepassados como um novo bandeirante de sua época; e por não deixar de agir diante das intempéries de seu presente, como político, militar, advogado, historiador e professor. Assim, ele seria digno de ser lembrado tanto pelo valor da obra de historiador que deixou, quanto pela sua ação política e militar em um momento decisivo para a história do estado de São Paulo. Não sem razão, ele teria

sabido cumprir seu papel, defendendo o estado com as armas do militar e com a pena do letrado.

Ainda que a autora faça uso de 'juízos de valor' para apreciar (sempre de maneira positiva) a trajetória do pai, não se deve perder de vista sua tentativa de interpretar a obra, o que fez com base nos textos publicados, nas memórias inéditas escritas pelo pai no início dos anos de 1970, e nos discursos que pronunciou, como deputado estadual, entre os anos de 1935 e 1937 na Assembléia Constituinte de São Paulo. Mas, mesmo nesse caso, a obra que começa a ser composta nos anos de 1920, só ganha maior sentido e significado com a conjuntura de 1930.

Portanto, o livro em questão, ainda que em nenhum momento se coloque como uma biografia de Alfredo Ellis Júnior, não o deixa de fazer, em várias passagens, apreciando o indivíduo em sua época, como agiu nela, qual o significado de sua obra e como pensou a história de seu país. Fixando-se entre o 'juízo de valor' e a interpretação das ações do indivíduo e de sua obra, Myriam Ellis procura dar sentido a ambos, definindo como deveriam ficar para a posteridade e como deveriam ser lidas e apreciadas. Por esses motivos a autora cumpre mais o papel de memorialista do que de historiadora, pois procura retirar do esquecimento a vida e a obra do pai, e dar-lhes um sentido, inclusive, para a posteridade.

Submissão em: 02/07/2011 Revisão em: 23/08/2013 Aceite em: 19/11/2013

Diogo da Silva Roiz é doutor em História pela UFPR, bolsista do CNPq. Mestre em História pela UNESP. Professor da UEMS. Endereço para correspondência: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. Rua José Luiz Sampaio Ferraz, n. 1133. Vila Gisele. CEP 79990-000. Amambai/MS, Brasil. E-mail: diogosr@yahoo.com.br